

# A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS ESPORTIVOS E SEUS IMPACTOS SOBRE OS CIDADINOS: O ESPORTE E A HISTÓRIA EM MONTES CLAROS-MG

Ester Liberato Pereira<sup>1</sup>

Georgino Jorge de Souza Neto<sup>2</sup>

Rogério Othon Teixeira Alves<sup>3</sup>

Andréia Luciana Ribeiro de Freitas<sup>4</sup>

**Resumo:** Neste estudo, buscou-se analisar como a construção de dois espaços destinados à prática esportiva impactaram no cotidiano dos cidadãos em Montes Claros-MG. Para atender aos anseios da pesquisa, foi utilizado o método de análise documental a partir de reportagens, publicadas entre 1939 a 1955, no jornal *Gazeta do Norte*. A noção sobre os impactos e significados das experiências vivenciadas pelos cidadãos foram analisadas ao utilizar um diálogo teórico entre a História, a Geografia e a Antropologia. Além disto, a pesquisa buscou um primeiro esforço para uma historiografia dos espaços esportivos da cidade de Montes Claros-MG, a partir de dois investimentos demarcados: a Praça de Esportes (1940), e o estádio João Rebello (1954). Percebemos a proximidade de uma história dos principais espaços vinculados às experiências da cultura esportiva vivenciadas pelos cidadãos. A utilização dos espaços públicos da Praça de Esportes e do estádio João Rebello deu-se com viés ligado à lógica da modernidade, como a diversão espetacularizada, o consumo, e a utilização dos espaços voltados à disseminação de práticas corporais e esportivas.

**Palavras-chave:** Esporte; Espaço; História; Direito à cidade.

## The Construction of Sports Venues and its Impacts on Citizens: Sport and History in Montes Claros-MG

**Abstract:** In this study, we sought to analyze how the construction of two spaces for the practice of sports had an impact on the daily life of the city dwellers in Montes Claros-MG. To meet the research's goals, the documentary analysis method was used, based on reports published between 1939 and 1955, in the *Gazeta do Norte* newspaper. The notion about the impacts and meanings of the experiences lived by the city dwellers were analyzed by using a theoretical dialogue between History, Geography and Anthropology. Furthermore, the research sought a first effort towards a historiography of the sporting spaces of the city of Montes Claros-MG, from two demarcated investments: the Sports Square (1940), and João Rebello Stadium (1954). We realize the proximity of a history of the main spaces linked to the experiences of sports culture experienced by city dwellers. The use of the public spaces of the Sports Square and João Rebello stadium took place with a bias linked to the logic of modernity, such as spectacularized entertainment, consumption, and the use of spaces aimed at the dissemination of body and sports practices.

**Keywords:** Sport; Space; History; Right to the city.

---

<sup>1</sup>Professora Doutora da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, e-mail: ester.pereira@unimontes.br, Montes Claros-Brasil.

<sup>2</sup>Professor Doutor da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, e-mail: georgino.neto@unimontes.br, Montes Claros-Brasil.

<sup>3</sup>Professor Doutor da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, e-mail: rogerio.alves@unimontes.br, Montes Claros-Brasil.

<sup>4</sup>Professora Mestra da Educação Básica de Minas Gerais – SEE-MG, e-mail: andreialucianar@gmail.com, Montes Claros-Brasil.

## **La construcción de espacios deportivos y sus impactos em los ciudadanos: deporte y historia em Montes Claros-MG**

**Resumen:** En este estudio, se buscó analizar cómo la construcción de dos espacios para la práctica deportiva impactó en la vida cotidiana de los ciudadanos de Montes Claros-MG. Para atender a las aspiraciones de la investigación, se utilizó el método de análisis documental, basado en reportajes publicados entre 1939 y 1955, en el periódico *Gazeta do Norte*. La noción sobre los impactos y significados de las experiencias vividas por los habitantes de la ciudad fueron analizadas utilizando un diálogo teórico entre Historia, Geografía y Antropología. Además, la investigación buscó un primer esfuerzo hacia una historiografía de los espacios deportivos de la ciudad de Montes Claros-MG, a partir de dos inversiones demarcadas: la Plaza de los Deportes (1940), y el estadio João Rebello (1954). Notamos la proximidad de una historia de los principales espacios vinculados a las experiencias de cultura deportiva vividas por los habitantes de la ciudad. El uso de los espacios públicos de la Plaza de los Deportes y del Estadio João Rebelo tuvo lugar con un sesgo vinculado a la lógica de la modernidad, como el entretenimiento espectacularizado, el consumo y el uso de espacios destinados a la difusión de las prácticas corporales y deportivas.

**Palabras-clave:** Deporte; Espacio; Historia; Derecho a la ciudad.

### **Introdução**

A fruição do corpo no espaço, seja pelo simples deslocamento individual (caminhar), ou um grupo de pessoas envolvidas em uma prática de jogo, remete a uma experiência com um grau de envolvimento, nas quais as práticas corporais ativam um conjunto dos órgãos e sentidos humanos, resultando em prazer, descontração e alegria, como poucas atividades o permitem. Pensar uma gênese das práticas esportivas e seu desenvolvimento ao longo dos anos requer refletir, também, sobre os espaços que permitem a sua experiência. Assim, estádios, hipódromos, velódromos, parques esportivos, ginásios, pistas, dentre outros, ganham vida no cenário urbano das cidades que vivenciaram, no primeiro quartel do século XX, a propalada *febre esportiva*<sup>5</sup>. A partir de então, discursos e práticas de diferentes conjunturas políticas, do passado e do presente, permitem identificar e reconhecer o esporte, inclusive como um elemento integrante de uma identidade nacional, regional e/ou local.

As atividades no campo do esporte, a partir das quais tal identidade pode ser cunhada, pressupõem, via de regra, a existência de um “lugar apropriado”. Estes locais, muitas vezes, assumem central importância na vida cidadina, estabelecendo relações profundas e enraizadas com os seus habitantes, frequentadores ou não. De acordo com Gilmar Mascarenhas,

Tais objetos, além de se apresentarem frequentemente como paisagem durável (decorrente do grande investimento necessário para

---

<sup>5</sup> O termo “febre esportiva” foi utilizado a partir da perspectiva de Gilmar Mascarenhas de Jesus nos seus estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde, no final do século XIX, ocorreram intensas atividades esportivas, caracterizadas pela introdução e multiplicação de novas modalidades de esportes e pela proliferação de associações civis criadas para esse fim. Tamanha a intensidade desse movimento, que o autor compara a uma verdadeira febre esportiva, em alusão às famosas epidemias que tanto preocuparam a cidade no referido período.

edificação) e ampla visibilidade (decorrente do porte físico), podem ainda constituir importante centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano. Os grandes estádios, por exemplo, são planejados de forma a facilitar o grande fluxo de espectadores em dias de importantes eventos, quando o longo silêncio das estruturas de concreto armado cede lugar ao delírio da multidão (JESUS, 1999, p. 52).

Concebido, assim, como um espaço no qual se anunciam valores edificantes, tais como força, coragem, determinação e abnegação, o esporte apresentou, na constituição dessa narrativa, um elemento básico para sua popularização e afirmação no cenário urbano brasileiro. Tal narrativa incide (e incidiu) pelo Brasil afora, inclusive, no sertão. No interior do país, este panorama se espalhou, até mesmo com intensidade e temporalidades distintas, mas alcançando o sertão mineiro, notadamente a cidade de Montes Claros, situada na região norte do estado de Minas Gerais.

Tais representações, constituídas e acessadas pelas fontes coletadas, compuseram uma cultura esportiva da e na cidade, conciliando diferentes interesses, de distintos segmentos sociais envolvidos neste cenário. Isto se projetou nas demarcações físicas e concretas destinadas às vivências esportivas montes-clarenses, as quais serão abordadas ao longo das subseções do presente artigo.

De tal modo, obviamente, este contexto, ainda que assumindo aspectos comuns, guarda particularidades locais. Apesar de ser possível averiguar dinâmicas semelhantes de práticas esportivas entre cidades de uma mesma região ou mesmo entre metrópoles distantes - ainda mais por se tratar de esportes que são, em linhas gerais, arquitetados a partir de um sistema de regras -, identificou-se uma conjuntura permeada por contingências e nuances de singularidade. Assim, cada cidade, com seu ritmo próprio, sua cultura esportiva e fluxo de experiências, constrói especificidades de uma dinâmica particular do esporte. E, enquanto aspecto determinante de experiências esportivas, explora-se, neste artigo, o espaço, uma vez que este ganha visibilidade e centralidade enquanto dimensão que envolve, simultaneamente, aspectos físicos e socioculturais de tais vivências (MELO, 2010).

O conceito de espaço veio, quase sempre, justificar ou confirmar as mudanças que a sociedade realizou em suas estruturas e relações intrínsecas e extrínsecas. O espaço, em uma perspectiva da História, se define em uma porção do planeta onde se desenvolvem as atividades do ser humano no seu cotidiano. Segundo Fernand Braudel (1966; 1967), a História se define não só pela relação entre diversos espaços como pelas características dos mesmos, que variam consoante aos humanos que os estruturam e neles vivem.

O espaço, para Henri Lefebvre (2006), possui papel central na organização social. Ele é, dialeticamente, produto social e produtor da sociedade. Ao partir de um diálogo entre a espacialidade, a historicidade e a sociabilidade, o espaço configura-se como lugar condicionante para a existência e desenvolvimento das relações sociais. Para o entendimento das ideias desenvolvidas neste escrito, consideramos o espaço para além de suas características históricas, geográficas e políticas, mas espaço, no qual, as ações e transformações que afetam a vida e as relações sociais dos cidadãos.

Além disto, intencionamos uma história dos espaços esportivos da cidade de Montes Claros, a partir de dois investimentos demarcados: a Praça de Esportes (1940), e o estádio João Rebello (1954). Ambos compartilham a similaridade de que a sua constituição, enquanto espaços esportivos da cidade, era necessária em seus períodos de emergência. A composição destes lugares pode ser entendida como o balizamento inicial de vivências esportivas da população montes-clarense, isto é, espaços vividos a partir da experiência do esporte, com maior investimento, tanto econômico, como político e cultural.

A prática esportiva, assim, é compreendida, aqui, como fenômeno social que recorta paisagens e cenários, tanto de lugares centrais quanto periféricos. Os atores responsáveis pela produção e apropriação dos espaços, são os praticantes, dirigentes e assistência. Estes, na constituição das práticas, cunham e recriam territórios, decompõem paisagens e panoramas, estabelecem novos ritmos e cadências ao mundo vivido pelos cidadãos. A partir de tais premissas, procuramos analisar o espaço para as práticas esportivas presentes na Praça de Esportes e do futebol no estádio João Rebello, em Montes Claros, Minas Gerais, com a finalidade de compreender os elementos característicos e estruturantes de tais práticas, assim como o universo vivido pelos praticantes, dirigentes e cidadãos, visando a uma aceção dos espaços expressivos da experiência do esporte na cidade.

### **Caminhos metodológicos**

A presente pesquisa utilizou-se de análise documental, tendo, como fontes, reportagens do jornal *Gazeta do Norte*, editado entre 1918 e 1962, e considerado um dos primeiros periódicos da história moderna da cidade de Montes Claros-MG. Fundado em 1918, o *Gazeta do Norte* foi publicado semanalmente até a década de 1930, quando se tornou quinzenal até os anos 1960, momento em que deixou de ser publicado. O acesso às fontes foi possível por meio do acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Regional (CEPEDOR), vinculado à Diretoria de Documentação e Informações (DDI) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Após a fase de coleta e registro das informações, foram identificadas, para análise, 96 reportagens publicadas entre 1939 a 1955. Na sequência, procedeu-se à problematização das fontes, uma vez que essas não discorrem por si (PIMENTEL, 2001). Desse modo, as fontes coletadas foram submetidas à técnica de análise documental, atentando para três fases: catalogação, análise propriamente dita dos documentos e cruzamento de fontes (BACELLAR, 2008). Apoiamo-nos, também, no paradigma indiciário de Ginzburg (1989) que, por meio de indícios e pistas, deixados nos documentos, nos leva a compreender elementos das práticas esportivas e de lazer dos montes-clarense e sua relação com os dois espaços esportivos apreciados nesta pesquisa: a Praça de Esportes e o estádio de futebol João Rebello.

Esses espaços foram escolhidos pela relevância histórica e cultural na perspectiva de modernização das cidades. Segundo Jesus (1999):

Vale registrar que entendemos a atmosfera moderna como portadora não apenas de todo um conjunto de novas expectativas e práticas sociais, mas também de transformações decisivas na espacialidade

urbana, que destruíram velhas urbanidades e as substituíram por novos formatos. (JESUS, 1999, p. 18).

Para atender aos anseios da pesquisa, foi necessário recorrer ao diálogo epistemológico entre a teoria do direito à cidade de Henry Lefebvre, além das ideias de Michel de Certeau para os usos dos espaços no cotidiano, somando-se às ideias de lugar e espaço de Milton Santos e Gilmar Mascarenhas. Desta forma, o espaço está em contínuo processo de construção, porque ele é um conjunto de relações sociais – sempre dinâmicas – que se estabelecem em uma materialidade. Para além de uma visão pragmática do espaço, este tem sua função social, que emerge da ação de seus cidadãos.

Na perspectiva de produção de espaço, de Henry Lefebvre (2006), o espaço social é uma produção coletiva e deve ser analisada e entendida a partir de três dimensões em um processo dialeticamente conectado entre si: o *espaço percebido*, relativo à prática social e expressaria a relação entre a realidade do cotidiano no uso do tempo e a realidade urbana ligada a trabalho, vida privada e ócio; o *espaço concebido*, ou de representação do espaço, a dimensão espacial ligada às relações do capital, ou seja, das forças de produção, ao conhecimento, ao planejamento, à ordem instituída; e o *espaço vivido*, aquele dominado e experimentado por meio das imagens e dos símbolos que o acompanham; é, pois, o espaço dos moradores.

Ao pesquisar a cidade e seus espaços, relacionados a uma prática como o esporte, somos remetidos à necessidade de construir e desconstruir significados, de acordo com as dinâmicas desenvolvidas pela experiência do sujeito que constrói e utiliza o espaço. Assim, compete-nos analisar a situação particular desta cidade para proporcionarmos uma contribuição a análises deste fenômeno e processo social amplo. Dentro de suas próprias especificidades, valorizamos, assim, a singularidade de seus fatos históricos para identificar e analisar uma configuração e uma apropriação tanto da Praça de Esportes de Montes Claros quanto do estádio João Rebello, enquanto espaços esportivos de lazer da cidade.

### **Contextualizando o espaço montes-clarense em uma perspectiva histórica: o direito à cidade e de apropriação de espaços**

A cidade de Montes Claros sobressai-se como importante polo centralizador do Norte de Minas. Essa relevância deve-se, em parte, a uma privilegiada posição geográfica, centrada em um entroncamento que comporta uma ligação entre o sudeste e o nordeste do país, com amplo fluxo mercantil de produtos, articulada a uma expressiva tradição pecuária com amplas criações de rebanho de corte. Os anos iniciais do século XX abalizam um diálogo mais fecundo com os sentidos da modernidade, na cidade, sinalizando uma vagarosa e gradual transição de um panorama rural para um urbano, justificada pela representatividade da chegada da estrada de ferro em 1926 (ALVES, 2018), situando a consolidação de uma cultura e de um modo de vida, que viria a concretizar-se, decisivamente, com o advento da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - Sudene, em meados da década de 1960 (DIAS *et al.*, 2019).

Assim, com relação à intensidade da urbanização, apresenta-se como complexa a tarefa de contextualizar o crescimento da população montes-

clareense, uma vez que existiram diversos desmembramentos de municipalidades que se emanciparam ao longo dos anos (ALVES, 2018). Nelson Vianna (1964) evidencia a inversão da quantidade de habitantes por zona, modificando de cidade predominantemente rural para urbana, no transcorrer dos anos 1950. Conforme o memorialista, no censo de 1945, em Montes Claros, havia 29.082 habitantes; desses, 13.768 encontravam-se na zona urbana e 15.314 na zona rural. O panorama característico, até então, se inverteria no recenseamento de 1960; nele, o distrito de Montes Claros contava com 68.275 habitantes; 40.454 estavam na zona urbana e 27.730 na zona rural.

Transcorridos 60 anos do século XX, contudo, o desenvolvimento de Montes Claros não apresentava ampliação populacional tão acentuada, ao ponto de ser abalizada como um destino de estabelecimento de pessoas que a aproveitavam como entreposto, especialmente depois da fundação da estação ferroviária em 1926 (ALVES; SILVA, 2017). Desta forma, a cidade, na ocasião, já estava acoplada com o sul e o nordeste pela ferrovia Central do Brasil. É apenas nas últimas décadas do século XX que se identifica a necessidade de ampliação territorial da cidade, resultante do acréscimo demográfico acontecido posteriormente ao advento de um amplo contingente de mão de obra para o trabalho nas indústrias alojadas na cidade (FONSECA, 2010).

O processo de modernização e ampliação territorial das cidades acaba por evidenciar necessidades da vida cotidiana de seus moradores, como a demanda por atividades para sua convivência e utilização do tempo livre<sup>6</sup>. “A modernidade, com sua reiterada aura otimista e sua fé inabalável no progresso, impulsionou nas cidades novos valores comportamentais, dos quais destacamos aqui a cultura física” (JESUS, 1999, p.18). Neste contexto, a Praça de Esportes de Montes Claros e o estádio João Rebello apresentam-se como espaços produzidos a partir das necessidades dos cidadãos montes-clareenses, o que nos leva à necessidade de compreender estes lugares na perspectiva de uso e apropriação pelos sujeitos.

Nesta direção, é importante ter em conta que a cidade é apropriada pelos seus moradores de formas distintas para as quais foi planejada, tornando-se o que Certeau (2009) chamaria de “lugar praticado”, organizado pelas “táticas” cotidianas, ou seja, o espaço criado por movimentos que fogem ao controle total das estratégias de poder. A partir disto, Certeau (2009) trabalha, ainda, as questões relativas aos espaços e lugares, diferenciando-os a partir das apropriações pelos sujeitos. As questões relativas aos modos do sujeito de se inserir no mundo, seja por meio da linguagem, das práticas comunicacionais ou de suas caminhadas pelas cidades, refletem em um entendimento de tais práxis sempre a partir dos significados e dos discursos como produtos resultantes das interações entre o sujeito e o mundo.

As reflexões sobre a cidade devem ser atravessadas pelas formas, funções e estrutura da mesma; mas, também, pelas necessidades sociais inerentes à sociedade urbana. As necessidades sociais se opõem e se

---

<sup>6</sup> O tempo em que não se trabalhava, tempo do não trabalho, ou tempo livre, ou tempo disponível, ou tempo conquistado, consiste em um momento do dia em que os indivíduos podem aproveitar da maneira que melhor lhe convier, seja para o repouso, entretenimento ou desenvolvimento individual.

complementam, desde a necessidade de trabalho, de segurança, de moradia, de alimentação, bem como a necessidade de sociabilizar e extravasar energias (LEFEBVRE, 2006). Assim, tem-se, como objeto de reflexão, a Praça de Esportes em seu momento de fundação, no início da década de 1940. Localizada no centro da cidade de Montes Claros, considera-se que esta compõe um espaço de sociabilidade e um possível lugar de experiências significativas para práticas corporais, esportivas, lazer e sociabilização para seus cidadãos. Temos, também, como foco de reflexões, o Estádio João Rebello, localizado nas proximidades do centro de Montes Claros, que, entre o período de 1930 a 1950, mobiliza os cidadãos na busca para a construção deste espaço atrelado à prática do futebol.

### **Praça de Esportes e Estádios João Rebello: espaços basilares para a prática esportiva**

Até o final da década de 1920, o local onde, hoje, encontra-se a Praça de Esportes, configurava-se como o Campo da Várzea, onde ocorriam, por exemplo, partidas de futebol (MEMORIAL, 1929). A ação social de construção da Praça só teve início entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940, em um contexto em que a instalação da ferrovia entre os municípios de Montes Claros e Monte Azul, no norte de Minas Gerais, a partir de 1940, na região, consistiu em um fator de estímulo ao desenvolvimento, povoamento e emergência de cidades e pequenas localidades, concretizando um novo estilo de vida. Nesta esteira, a Praça foi inaugurada em 1942, quando o então governador, Benedito Valadares, visitou Montes Claros (TEIXEIRA, 1945), constituindo um marco histórico para uma parte da população. Isso fica evidenciado em uma matéria do jornal *Gazeta do Norte*, de 1940 (PRAÇA, 1940), na qual se anuncia que a Praça seria um padrão de orgulho para a cidade, a partir da abertura deu oportunidades para uma elite sócio-político-econômica vivenciar diferentes práticas esportivas, tais como a prática do tênis e da natação. De tal modo, desde a sua instauração, passou a ser utilizada para eventos esportivos e momentos de lazer desse segmento social, configurando um ambiente que aproximou estas esferas a uma parcela restrita da população montes-clarense.

A Praça de Esportes era utilizada para eventos comemorativos e predominantemente restritos a uma fração social. Dentre o programa das celebrações de uma das datas de maior importância representativa do país, o 7 de setembro, anunciava-se um convite para uma “Concentração na Praça de Esportes, com hasteamento do Pavilhão Nacional, falando o dr. João Gomes Leite<sup>7</sup>. Provas de educação física, a cargo do aspirante Estrela. Desfile do Tiro de Guerra, Escoteiros e estabelecimentos de ensino” (VIANNA, 2007, p. 37). Contudo, apesar de tal chamada para as solenidades comemorativas à Independência do Brasil estar registrada no jornal para “a população da cidade”, na sequência, são destacadas, no convite, “associações de classe, autoridades e estabelecimentos de ensino” (VIANNA, 2007, p. 37). Assim, tal

---

<sup>7</sup> Dr. João Gomes Leite foi professor da Escola Técnica de Comércio, cunhada e promovida, em 1936, pela Associação Comercial de Montes Claros, origem de onde emergiria o Instituto Norte Mineiro de Educação.

passagem corrobora para a representação de um espaço destinado a uma parte circunscrita dos/das cidadãos/cidadãs montes-clarenses.

Na época de sua fundação, a Praça de Esportes contava com uma pista gramada para demonstração de exercícios físicos, contendo escadarias e arquibancadas, piscina, além dos campos de vôlei, basquete e tênis (PRAÇA, 1940). Inicialmente, o forte da Praça de Esportes eram os esportes especializados: basquete, vôlei e natação (OLIVEIRA, 1979). As equipes que a frequentavam competiam, representando-a, em disputas estaduais e nacionais. Além dos esportes anteriormente citados, ainda contava com as práticas do tênis e do futebol, este introduzido na forma de “*pelada*” na pista central. A praça configurava-se como espaço para desenvolvimento de modalidades esportivas, práticas corporais e lazer (TEIXEIRA, 1945).

Temos, assim, uma aproximação de uma compreensão da Praça de Esportes enquanto um espaço social, isto é, a matéria trabalhada por excelência, por processos vivos, uma vez que é apropriada, transformada e produzida pela sociedade (SOUZA, 2013). Envolve, assim, relações de poder, ou seja, disputas econômicas, simbólicas, sociais e culturais pelo domínio daquele espaço. O espaço, para Henri Lefebvre (2006), possui papel central na organização social. Ele é, dialeticamente, produto social e produtor da sociedade. Sendo o espaço um lugar condicionante para a existência e desenvolvimento das relações sociais, parte-se de um diálogo entre a espacialidade, a historicidade e a sociabilidade. O espaço social se encontra, assim, inscrito, simultaneamente, na objetividade das estruturas espaciais e nas estruturas subjetivas que são, em parte, o produto da incorporação dessas estruturas objetivadas.

Enquanto um espaço social, portanto, esta praça é indivisível. O espaço social como uma categoria da totalidade (SANTOS, 1978). Não há “um” espaço que seja diferente de “outro” espaço. Há o espaço. Nesta direção, para compreender-se a essência da praça, devemos buscá-la no modo de existir desta praça, no seu modo de ser no mundo, pois sendo abrem-se espacialidades. Na perspectiva de Heidegger (1995) e de Milton Santos (2003), portanto, o que dever ser analisado somos nós mesmos, seres humanos. Fundamental entender que existe uma forma de ser de cada lugar, e que a sua explicação se encontra aí, em seu modo de ser-no-mundo. Desta forma, é preciso superar o tipo de análise que trata, de um lado, o espaço, e, do outro, a sociedade; de um lado, as ações, e, do outro, os objetos. O sendo: ação do verbo ser que coloca a todos os seres humanos e lugares em uma relação constitutiva e essencial do nosso modo de ser.

Nesta medida, temos que a Praça de Esportes configura-se enquanto um espaço que só tem sentido dada a apropriação que dele é feito. Seus possíveis sentidos e significados vão alterando-se ao longo do tempo. Assim, é a partir do seu uso, enquanto um espaço, que a mesma pode ser compreendida, ainda, enquanto um território (ou espaço político, concomitantemente), na medida em que se trata de um espaço e de equipamentos ali presentes, os quais são inventados, isto é, produzidos pela ação humana. Considera-se aqui, portanto, um território não físico, onde o espaço é ocupado e apropriado por meio de uma(s) ação(ões) social(ais), por alguma(s) prática(s). A Praça de Esportes insere-se como um lugar praticado pelos usos que lhe são conferidos pelos seus usuários. As práticas do lugar

estão imersas em uma lógica do cotidiano das necessidades dos cidadãos que tinham acesso aos espaços da Praça de Esportes; afinal, o espaço não existe em “si mesmo”; ele é construído a partir de demandas individuais e coletivas (LEFEVBRE, 2001; CERTEAU, 2009).

Outro espaço esportivo alçado ao protagonismo social entre as décadas de 1930 e 1950, na cidade de Montes Claros, foi o estádio de futebol. Captamos, aqui, os primeiros movimentos cidadãos em torno da constituição de tal espaço, atrelado à prática do futebol, e seu crescente desenvolvimento, centrando particular esforço na construção/inauguração do estádio João Rebello, considerado primeiro grande investimento neste sentido. A construção de um estádio de futebol representa mais do que um marco geográfico na paisagem. Por ser a sede de um depositário de emoções, concebe o espaço como um lugar onde experiências sensoriais profundas ocorrem.

Para Certeau (2009), o espaço se torna o lugar praticado. Por isto, um estádio de futebol somente ganha significação social (para além de uma dada espacialidade) quando ocupado por sujeitos que se apropriam do mesmo, com o domínio (ou não) dos códigos próprios de pertencimento ao lugar. Torcedores, jogadores e jornalistas esportivos se tornam parte de um conjunto de pessoas que transformam o estádio de futebol em um local de comportamentos singulares que dão vida e sentido ao espaço.

A partir do entendimento de Gilmar Mascarenhas (2012), tomamos os estádios como portadores de importantes conotações simbólicas. Este autor, que se apropria, aqui, das ideias de Costa (1987), define os estádios como novos espaços institucionais, capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo. De fato, enquanto experiência coletiva, situar-se em um estádio de futebol também é indicativo de um modo particular de apropriação do lugar, reverberando-se em uma entidade individual e particular.

A construção de estádios representou um projeto de desenvolvimento atrelado a uma nova concepção de sociedade: um *ethos* modernista. Constituía, portanto, em um primeiro momento, estar atento a originais demandas que uma cidade moderna necessitava atender. Em Montes Claros, o desenvolvimento do futebol (que já se tornara uma insígnia para uma cidade distintiva), condicionava-se à construção de espaços que abrigassem a prática esportiva, com uma adequação e exigência cada vez mais crescentes dos seus cidadãos.

Nesta direção, cabe ressaltar a necessidade de compreensão dos motivos que justificam tamanha transformação espacial, quando tratamos da construção de um estádio de futebol em um dado lugar. Para Jesus (1999), é necessário considerar o espaço como condicionante para a ação humana, impondo “barreiras” ou oferecendo “atrativos”, e não como mero palco passivo do acontecer social.

Dito de outra forma, compreender o lugar que ocupamos (lugar espacial, mas também social) torna-se fundamental. Um estádio de futebol transmuta-se em lugar à medida que damos significação a ele, mas também sendo por ele impactado, transformando nossa sensibilidade. Entender o lugar e sua história permite apreender, por consequência, as experiências que ali acontecem. Segundo Milton Santos (2003, p. 225), “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.

David Harvey, ao debater sobre a experiência do espaço e do tempo, propõe que “as ordenações simbólicas do espaço fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade” (HARVEY, 1992, p.198). Assim, os espaços sociais permitem que uma identidade coletiva seja construída, moldando formas de ser e pertencer em um dado contexto espacial. Portanto, o espaço é concebido quando é percebido em suas múltiplas determinações: naturais, sociais e culturais. Investir na valorização do “*lugar*” como forma de pertencimento é a oportunidade não só para propiciar uma experiência estética positiva, mas, sobretudo, para permitir a exploração do potencial democrático ali existente (LEFEVBRE, 2006; JACOBS, 2011).

O estádio de futebol se configura em monumento na paisagem, promovendo uma íntima relação com a cultura do “*lugar*” em que ele emerge. Para Berdoulay, este movimento se estabelece de tal forma que:

Podemos dizer que da interação entre cultura e espaço emergem lugares que o sujeito constrói ao mesmo tempo que constrói a si mesmo. Nesse processo, há a seleção de diversos elementos dispersos no meio ambiente físico e cultural, que são retomados e recompostos dentro de novos relatos e constantemente revistos: para tomar consciência dele mesmo e exercer sua flexibilidade, o sujeito dá sentido a esses elementos no interior de tramas narrativas que, por consequência, também fundam ou redefinem os lugares. Porque ditos, ou melhor, contados, os lugares servem para o sujeito formular as condições da ação (BERDOULAY, 2012, p. 121).

Neste particular aspecto, a geografia cultural<sup>8</sup>, ao propor uma análise mais apurada da cultura (na qual o simbólico tem enorme centralidade), entendendo-a como “geografia das formas simbólicas”, onde as ações culturais manifestam-se de modo diferenciado no espaço e no tempo (CORRÊA, 2012, p. 133).

Ao pensarmos sobre esta dialética significação simbólica que o lugar/espaço compõe com as experiências humanas, vale resgatar o pensamento de Frampton (2006), ao propor que:

O lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social, e no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que o homem ou os homens podem passar a existir. A receptividade e a sensível ressonância de um lugar – a saber, a percepção sensorial de sua validade como “*lugar*” – dependem, primeiro, de sua estabilidade cotidiana para os sentidos e, segundo, da adequação e riqueza das experiências socioculturais que ele proporciona (FRAMPTON, 2006, p. 479).

No dizer de Haroche (2008), estabelecer a possibilidade de uma arquitetura e de uma cidade que possam ser “experimentadas” (2008, p. 147). Ou, ainda, “diferentemente de um ‘palco’ asséptico para as interações humanas e a vida urbana, a cidade e a arquitetura passam a ser vistas como

---

<sup>8</sup> Para Roberto Lobato Corrêa (2012), essa geografia é recente, tendo emergido após 1970, com as mudanças na geografia cultural de base saueriana. As décadas seguintes viram um número crescente de estudos a respeito dos diferentes significados atribuídos pelos vários grupos sociais aos diversos aspectos da vida.

atores que interagem com todas as facetas da realidade – humana, física, social, geográfica – do espaço, compondo, juntos, e indistintamente, um horizonte de cenas” (PINHEIRO; UGLIONE, 2013, p. 132). Nesse contexto, a cidade aparece como trabalho materializado ao longo de todo o processo histórico - objetivação do sujeito. É processo de produção continuada, ao revelar o conteúdo da vida. Deste modo, sua produção, enquanto movimento e momento, revela a prática espacial. A natureza da cidade é, portanto, social. Nesse pressuposto, as determinações do espaço - sua lei geral - ligam-se, submetem-se e explicam-se como aquelas da sociedade. Assim, a produção do espaço se articula à reprodução das relações sociais de produção. A existência das coisas não existe fora da prática e a consciência é um produto social (SCHMID, 2012; HARVEY, 2014).

Assim, localizar a origem (ou o contexto que permite a emergência dos estádios de futebol), permite o avanço na compreensão do objeto. Em que momento da história humana a construção destes espaços torna-se necessária? E por quê? Antes mesmo da chamada “era moderna”, percebemos a ocorrência de lugares para abrigar práticas festivas e/ou ritualísticas, notadamente atrelados a um grupo de poder no desenho social. Anteriormente à forja do esporte e suas condicionantes, verificamos que os “estádios” atuavam como espaços de práticas sociais importantes. No Império Romano, a construção do Coliseu funda este tipo de ambiente/recinto, captador de experiências singulares, e configurando-se como um local de concentração, expressão e exercício do poder. Com a queda do Império, os estádios, como expressão de evento social, arrefecem sua importância. Contudo, atividades lúdicas, eventualmente competitivas, realizam-se como precursoras dos esportes modernos (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004).

Com o desenvolvimento e incremento do esporte (em fins do século XVIII e século XIX adentro), gesta-se, por conseguinte, a necessidade da construção de um espaço apropriado que pudesse atender às demandas, cada vez mais crescentes, do espetáculo esportivo. Neste cenário, destacam-se, dentre outras práticas, o futebol, com os primórdios dos seus estádios.

Na cidade mineira de Montes Claros, todo este processo ocorre (guardada as devidas particularidades e proporções) em íntima relação com os demais aspectos da cultura local<sup>9</sup>. Embora mais tardiamente do que os principais núcleos urbanos brasileiros, o imperativo da construção de estádios também se torna indispensável pelo olhar daqueles que capitaneavam o movimento do futebol cidadão.

No ano de 1940, lia-se, no periódico *Gazeta do Norte*, a seguinte notícia:

Continua em franco progresso a construção do estádio do União Esporte Clube. Juventino Gomes, presidente do União Esporte Clube, para concluir a construção do estádio [...], conseguiu empréstimo entre os membros da sociedade por ele presidida. Já finalizaram as negociações em relação á vinda de um clube da capital para inaugurar o estádio do União, nos primeiros dias de outubro (GAZETA DO NORTE, 1940, p. 3).

<sup>9</sup> Para saber mais sobre uma história do futebol montes-clarense, consultar a obra: *O Foot-Ball no Sertão Mineiro: a história do sport bretão nos claros montes das Geraes*. Caleiro *et al.* Ed. Unimontes, 2010.

Embora o estádio do União representasse o primeiro esforço para dotar a cidade com um estádio de futebol, o mesmo não se apresentava como solução definitiva para esta questão. No ano de 1948, o cronista esportivo de pseudônimo J., trazia, à superfície, a necessidade de construção deste espaço, ao longo da nota intitulada “Um estádio para Montes Claros”, onde argumentava que:

Montes Claros não deve distinguir-se, entre as outras cidades de Minas, apenas pela cifra espantosa de sua exportação, pelo valor enorme de sua importação, pela importância de seu comércio, enfim. Há outros setores de atividades onde é necessário que nos distingamos também. Ao esporte estamos nos referindo. E, verdade seja dita, em matéria de esporte há muita coisa ainda por fazer. Temos, é certo, uma belíssima praça de esportes, das melhores, mais completas e mais belas do Estado. Piscina, «court» de tennis, quadras iluminadas para vôlei e basquetebol. Falta-nos, entretanto, um campo de futebol. Mas um campo de futebol que preencha as nossas necessidades reais. Não chegaremos ao ponto de dizer que não temos nenhum. Temos, sim. Mas não resolve a situação angustiosa dos nossos amadores. Reconhecemos os esforços dos dirigentes do União, que dotaram a cidade do «Estádio Francisco Guimarães», modesto é verdade, mas que vem servindo. Mas um campo fechado apenas é muito pouco para os seis clubes locais. E a existência de um campo fechado apenas tem trazido a prejudicial política clubista que vem embaraçando o nosso futebol, impedindo-o de subir mais ainda. Foi considerando tudo isso que um grupo de pessoas da sociedade local resolveu chamar a si a tarefa patriótica de dotar a cidade de um moderno estádio. Será uma obra suntuosa, condizente com o progresso de Montes Claros. Mas, para efetivação desse empreendimento é preciso, é indispensável a cooperação de todos. É necessário o auxílio de gregos e de troianos, porque, devemos entender, antes de tudo, que o estádio a ser construído pertencerá mais à cidade do que a qualquer sociedade esportiva. E é por isto que iniciando a nossa campanha para obtenção de fundos para a construção de tão arrojado empreendimento, estamos certos da vitória da nossa iniciativa por que, sendo uma obra grandiosa e da qual Montes Claros levará a maior vantagem, há de encontrar o apoio indispensável na bondade dos montesclarenses<sup>10</sup> (GAZETA DO NORTE, 1948, p. 1).

As notícias sobre a demanda de um novo estádio se tornavam recorrentes, explicitando o quanto essa questão tornava-se cara aos agentes esportivos locais. O Esporte Clube João Rebello capitaneava a realização desse desejo, e assumia a tarefa de dotar a cidade com um empreendimento de tal porte, segundo noticiava a Gazeta do Norte, em sua edição de 01 de janeiro de 1949:

[...] Já sabemos, de sobra, que nossa cidade só possui em campo. Sabemos, também, que um terreno dentro da zona urbana custa alguns mil cruzeiros e que encontrando-o tem-se, ainda de arcar com vultoso custo de terraplanagem, de edificação de muros, de gramagem, da construção do estádio com todos seus requisitos afim de satisfazer as necessidades de maior importância. Pois bem, a despeito de tudo isto – o que torna árdua a campanha – o E. C. João Rebello, adquiriu um terreno (500 metros em linha reta da Gazeta do Norte) por alguns mil cruzeiros, não importando com seus quatro metros de declive e já

---

<sup>10</sup> Optamos por manter a grafia original da publicação.

iniciou o serviço estafante da terraplanagem. Em outras palavras «o campo está começando». A iniciativa que se traduz em louvôr, arrojo e progresso, precisa, agora, uma vez que foi encetada confiando-se cabalmente no espírito progressista, no bairrismo ou jacobinismo, como queiram, do povo em geral da terra, da ajuda de todos (GAZETA DO NORTE, 1949, p. 14).

O estádio seria inaugurado pomposamente no ano de 1954, com uma festa esportiva digna da presença do Fluminense carioca, um dos maiores clubes do futebol brasileiro. Poucas situações sociais poderiam provocar tamanho impacto no cotidiano da cidade. O futebol acaba tornando-se um potente intérprete da realidade de um dado lugar. Dito de outra forma, inaugurar um estádio de grande porte, em Montes Claros, na década de 1950, revela o funcionamento do microcosmo social presente naquele tempo e espaço. Como afirma Gilmar Mascarenhas, podemos entender:

Espaço vivido e lugar de referência, o estádio alimenta o sentido de pertencimento e a constante atualização das identidades coletivas, sejam elas clubísticas, locais, regionais ou nacionais. Em suma, o estádio, para além de sua função econômica de abrigar e comercializar espetáculos, pode e deve ser considerado como “território usado” no sentido proposto por Santos (1996). Em outras palavras, como espaço apropriado pelos usuários, que nem sempre querem se reduzir a meros consumidores e passivos observadores, mas participar ativamente da festa, inclusive expressando coletivamente suas opiniões e reivindicações. O rico movimento de apropriação do estádio faz dele um elemento singular na reprodução social da cidade (MASCARENHAS, 2013, p. 155).

Os espaços esportivos não são, assim, uma obra do acaso; mas, antes, investimentos de poder que revelam tensões e acomodações, aproximações e afastamentos. As vivências ocorridas nos espaços nos remetem a sensações e sentimentos que dão significados a estes lugares que marcam a memória de seus usuários. O que a memória guarda (e o que ela silencia) conta uma história destes lugares, que transmutam experiências sensoriais em experiências afetivas (literalmente, aquilo que afeta). E é esta memória que procuramos perseguir neste trabalho. Nesta direção, a fala de Maurice Halbwachs converge nosso entendimento de que a memória de um lugar (ou de lugares) representa também a memória de um povo:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças apareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Dentre os espaços modernos e urbanos da cidade de Montes Claros, elencamos dois espaços de práticas corporais e esportivas: a Praça e o Estádio,

espaços que emergiram para práticas corporais, esportivas, sociais e de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções significativas. A cidade, como realização humana, é um fazer constante ininterrupto (LEFEVBRE, 2001). Ao experienciar, usar e apropriar-se do espaço, o cidadão aprende, compreende e ressignifica o espaço, tornando as necessidades do cotidiano inquietações para criar novos lugares de práticas diversas.

### **Considerações Finais**

A prática esportiva, compreendida como fenômeno social que recorta paisagens e cenários, tanto de lugares centrais quanto periféricos, permite, ao esporte, ser instrumento para apropriação de espaços urbanos. Os atores responsáveis pela produção e apropriação destes espaços, na constituição das práticas, cunham e recriam lugares apropriados para usufruir das práticas corporais e esportivas, torcer, ou, simplesmente, apreciar os seus adeptos na execução de suas práticas. Os cidadãos estabelecem ritmos e cadências ao mundo vivido, inserido no viés dos esportes.

Desta forma, foi possível averiguar que o espaço para as práticas esportivas, presentes na Praça de Esportes, e do futebol, no estádio João Rebello, em Montes Claros, Minas Gerais, representou um *ethos* ligado à lógica da modernidade, como a diversão espetacularizada, o consumo, e a utilização dos espaços voltados à disseminação de práticas corporais e esportivas.

As experiências do esporte, na cidade, expandiram o universo vivido pelos praticantes, dirigentes e cidadãos, dando vazão a um processo de construção, que é atravessado por um conjunto de relações sociais. Estas são sempre dinâmicas, e se estabelecem ao conferirem um significado para além de uma visão pragmática do espaço esportivo, alcançando uma ação de sociabilidade, de lazer e de criatividade.

Ao pesquisar a cidade e seus espaços, relacionados a uma prática como o esporte, somos remetidos à necessidade de construir e desconstruir significados, de acordo com as dinâmicas desenvolvidas pela experiência do sujeito que constrói e utiliza o espaço. Assim, a Praça de Esportes de Montes Claros e o estádio João Rebello apresentam-se como espaços produzidos a partir das necessidades dos cidadãos montes-clarenses, compreendidos como lugares basilares para o desenvolvimento do esporte, do lazer e das práticas corporais na região norte-mineira.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Rogério Othon Teixeira. *“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”*: práticas modernas de divertimento em Montes Claros – MG (1926-1957). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: [http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos\\_graduacao/estudos\\_do\\_lazer\\_mestrado\\_doutorado/defesa/720/](http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesa/720/). Acesso em: 11 set. 2021.

ALVES, Rogério Othon Teixeira; SILVA, Luciano Pereira da. *Montes Claros: Memória do Centenário*. Montes Claros: Cotrim/Millennium, 2017.

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: Uso e Mau Uso Dos Arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2º ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

BERDOULAY, Vicent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.101-131.

BRAUDEL, Fernando. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Flammarion, 1966.

BRAUDEL, Fernando. *Civilisation matérielle et capitalisme*. Paris: Flammarion, 1967.

CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 16 ed, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.134-153.

COSTA, Antônio da Silva. *Football et mythe: la fonction symbolique du football à travers la presse sportive de masse*. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Université Catholique de Louvain, Ottignies-Louvain-la-Neuve, 1987.

DIAS, Cleber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando da; SILVA, Luciano Pereira da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (org.). *Histórias do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

FONSECA, Roberto Pinto da. O trem do sertão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros*, Montes Claros, v.5, p.131-141, 2010.

FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura*. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.474-480.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinador. SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT – PERSPECTIVAS, n.1, 2004, Florianópolis-SC. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2004, p. 2-16.

GAZETA do Norte. Montes Claros, p. 4, 01 jun. 1940.

GAZETA do Norte. Montes Claros, p. 3, 28 set. 1940.

GAZETA do Norte. Montes Claros, p. 1, 28 nov. 1948.

GAZETA do Norte. Montes Claros, p. 14, 01 jan. 1949.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HAROCHE, Claudine. *O futuro do sensível: os sentidos e os sentimentos em questão*. Conferência proferida no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 7 de abril de 2008.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 17. ed. (Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves). São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. *Conexões: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP*, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638029>. Acesso em: 09 jul. 2021.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. *Espaço e Cultura*, n. 19-20, p. 61-70, ago. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3492>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Revista Cidades*, v. 10, n. 17, p.142-170, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>. Acesso em: 07 maio 2021.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 41-57, set./2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000400004>. Acesso em: 05 mar. 2021.

MEMORIAL do Esporte. *Arquivo Bola Cheia*. Campo da Várzea. Montes Claros, 1929.

OLIVEIRA, Haroldo Lívio de. Nossa Praça de Esportes de Todos os Tempos. *Jornal de Montes Claros*, Montes Claros, 1979.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p.179-195, nov./2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300008>. Acesso em: 03 jan. 2021.

PINHEIRO, Ethel; UGLIONE, Paula. A memória do futuro e a busca por uma nova sensibilidade cidadina. In: DUARTE, Cristine Rose; VILLANOVA, Roselyne de (Orgs.). *Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2013, p.129-144.

PRAÇA de Esportes. *Gazeta do Norte*, Montes Claros, 01 jun.1940. Ano XXII, n.1211.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção*. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SCHMID, Chistian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. Trad. MARQUES, M.; BARRETO, M.. In: *Geosp – Espaço e Tempo*. São Paulo, N. 32, p. 89 -109, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TEIXEIRA, Armando Vaz. O prefeito dr. Alpheu apóia o movimento esportivo. *Gazeta do Norte*, Montes Claros, 10 jan. 1945.

VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses 1707-1962*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1964.

VIANNA, Nelson. *Efemérides montesclarenses*, Parte 2, Volumes 4-5 de Coleção Sesquicentenária. Montes Claros: Editoria Unimontes, 2007.

Recebido em 25 de maio de 2023  
Aprovado em 8 de agosto de 2023